

II

UM CONTEXTO HISTÓRICO – LYOTARD

II.I

A condição Pós-moderna

A contextualização deste estudo, apresenta, na verdade, um referencial que será continuamente retomado no corpo da tese. O conceito de “pós-moderno”, ou “condição pós-moderna” na obra de Lyotard oferece um embasamento teórico para as modificações inerentes às discussões trazidas aqui.

Colocada como premissa de minha pesquisa a **dimensão subjetiva da experiência de narrar e seus embates com as regras de mercado e o contexto tecnológico de produção**, uma contextualização histórica baseada nesse conceito de Lyotard, já introduzem categorias fundamentais para nossa reflexão.

Lyotard em seu livro *Pós-Moderno* (tradução atualizada posteriormente como *Condição Pós-Moderna*¹) esclarece logo nas primeiras páginas como define esse período:

*...o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX*²

Esse estado da cultura é resumido por ele como uma crise da ciência em relação a seus relatos, seus critérios.

Lyotard vai descrever como **moderno** o período em que a ciência gera sucessivos conflitos com seus discursos. Após as oposições de correntes e descobertas que reorganizavam a ciência, esta se revelava – nas palavras do autor – como uma fábula. Nesse contexto, para legitimar

¹ Lyotard, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2002.

² Lyotard, *op.cit.* p.XV.

a ciência, devem-se justificar suas regras por meio de um estatuto – a Filosofia –, que se transforma em um metadiscurso.

Quando este discurso recorre explicitamente a algum grande relato, como a dialética do espírito, a hermenêutica do sentido, a emancipação do sujeito racional ou trabalhador, o desenvolvimento da riqueza decide-se chamar ‘moderna’ a ciência que a isso se refere para se legitimar.³

Ele acrescenta que esse foi o relato das Luzes, em que o herói do saber trabalha por um bom fim ético-político. Assim, delimita o moderno em relação à produção do saber e anuncia uma segunda crise que aqui nos interessa e que, segundo ele, teria seu início no final do século XIX.

Para ele, o **pós-moderno** vai representar uma crise na ciência em relação a esses metarrelatos.

Nasce uma sociedade que se baseia menos numa antropologia newtoniana (como o estruturalismo e a teoria dos sistemas) e mais numa pragmática das partículas da linguagem.⁴

Funda-se então o caráter “narrativo” do saber.

Os jogos de linguagem são explicitados como constituintes de todo saber e com isso se deslegitima a positividade cega que se apoiava em algo universal, ainda que fosse seu metarrelato filosófico.

Assim como na produção artística do mesmo período (final do século XIX) encontramos uma ruptura entre representação e narrativa – como forma de crítica a uma realidade autônoma, como aprofundarei adiante –, no campo da ciência é a narrativa, como função conotativa, que subverte os ditames em relação a uma realidade de fato objetiva.

Se as sucessivas oposições entre as correntes científicas da era moderna anunciavam gradativamente uma falência do sentido de realidade objetiva, a condição pós-moderna é o diálogo lúcido com o que seria a crise das crises: a impossibilidade dessa representação precisa no campo das artes e da ciência.

³ *Idem*, p. XV.

⁴ *Idem*, p. XVI.

Assim, na transição do século XIX para o XX, a narrativa representava a condenação da arte ao tema e salvava a ciência da denotação. Esse duplo deslocamento histórico gera uma crise nas antigas categorias que definiam esses campos.

No entanto, Lyotard, além de descrever essas transformações, preocupa-se preferencialmente com a legitimação dos discursos diante do que Ítalo Moriconi em seu posfácio à obra vai chamar de *agonística geral dos discursos*.

Após os metarrelatos, onde poderíamos encontrar legitimidade para a produção de conhecimento?

Lyotard coloca esse seu estudo também como um diálogo com essa pergunta. Expõe o paradoxo intrínseco da ciência: de um lado, as tentativas do sistema capitalista de transferir essa legitimação para o critério do desempenho, poder, otimização de *performances* do sistema, eficácia e, do outro, um apontamento otimista sobre a heterogeneidade dos jogos de linguagem que falaria de um saber pós-moderno que, independente desses jogos de poder, aguça nossa sensibilidade em suportar o incomensurável.

II.II

Mercantilização do Saber

Outro marco para o autor é a transição das sociedades para a idade dita pós-industrial, por volta dos anos 50, tendo como principal referencial a economia europeia do pós-guerra, que se encontrava no final de sua reconstrução.

Para caracterizar esse período, à luz de seu objeto de estudo, ele enfatiza a influência da tecnologia sobre o saber, sendo este afetado em duas instâncias principais: a pesquisa – como o exemplo da genética, que deve seu paradigma teórico à cibernética – e a transmissão de conhecimentos – mudança nas relações de circulação dos conhecimentos.

Alguns tópicos relevantes nesse processo apontado pelo autor e que serão úteis ao diálogo aqui proposto entre diferentes categorias discursivas são:

- Pesquisas se subordinarão à condição de tradutibilidade dos resultados eventuais em linguagem de “máquina”.
- Produtores e utilizadores do saber devem ter os meios de traduzir essa linguagem.
- O saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado como nova produção: nos dois casos, para ser trocado.
- Sob a forma de mercadoria, o saber torna-se indispensável ao poderio produtivo e, portanto, às competições mundiais pelo poder.
- Como no passado as nações se confrontaram para dominar territórios e matéria-prima duelariam agora pelo domínio da informação.

Em vez de serem difundidos em virtude do seu valor ‘formativo’ ou de sua importância política (administrativa, diplomática, militar), pode-se imaginar que os conhecimentos sejam postos em circulação segundo as mesmas regras da moeda, e que a clivagem pertinente a seu respeito deixa de ser saber/ignorância para se tornar como no caso da moeda, ‘conhecimentos de pagamento/conhecimentos de investimento.’, ou seja : conhecimentos trocados no quadro da manutenção da vida cotidiana (reconstituição da força de trabalho, ‘sobrevivência’) versus crédito de conhecimentos com vistas a otimizar as performances de um programa.⁵

II.III

A Legitimação e os Jogos de Linguagem

Mas, para Lyotard, esse saber científico valorado agora pelo capitalismo não é o único; existe outra forma de saber, já descrito aqui: o saber narrativo.

⁵ *Idem*, p. 83.

*O saber geral não se reduz à ciência, nem mesmo ao conhecimento. O conhecimento é um conjunto dos enunciados que denotam ou descrevem objetos, excluindo-se todos os outros enunciados, e susceptíveis de serem declarados verdadeiros ou falsos. A ciência seria um subconjunto do conhecimento.*⁶

Sendo ambos – ciência e conhecimento – conjuntos de enunciados denotativos, excluem-se dos mesmos características como o saber-viver, saber-fazer, saber-escutar, a influência dos costumes e do consenso, e as formas **narrativas** que, diferentemente dos enunciados denotativos, admitem nelas maior pluralidade dos jogos de linguagem.

É essa pluralidade que fala de uma crise em relação a uma realidade estática e objetiva como categoria acima do sujeito.

Quanto à definição de jogos de linguagem, Lyotard remete-se a Wittgenstein. Por esta expressão – jogos de linguagem – Wittgenstein entende que as categorias de enunciados podem ser determinadas por regras que especifiquem suas propriedades e o uso que delas se pode fazer, exatamente como num jogo de xadrez:

- Suas regras não possuem legitimação nelas mesmas, mas constituem objeto de contrato explícito entre os jogadores (o que não quer dizer que o jogo foi inventado por eles).
- Na ausência de regras, não existe jogo.
- Falar é combater, no sentido de jogar (isso não significa necessariamente que se joga para ganhar; pode-se realizar um lance pelo prazer de inventá-lo – as artes).

Em uma crise da legitimação dos metarrelatos, os jogos de linguagem e a concernência em relação ao saber narrativo são formas de legitimar um saber pós-moderno.

II.IV

Vínculo Social

Essa crise dos metarrelatos sugere uma dissolução dos vínculos sociais e a passagem das coletividades para uma massa composta de

⁶ *Idem*, p. 55.

átomos individuais lançados em um absurdo movimento browniano, o que ele pensa ser um obscurantismo. O jogo de linguagem é, para o autor, em si só um vínculo social, que no pós-moderno prioriza a interrogação. Um vínculo que se concretiza em uma organização discursiva historicamente preterida.

*O si mesmo é pouco, mas não está isolado ; é tomado numa textura de relações mais complexa e mais móvel do que nunca. Está sempre ... colocado sobre os “nós” dos circuitos de comunicação, por ínfimos que sejam.*⁷

Analisando também as instituições, Lyotard provoca o sistema com o desafio do pós-moderno de relativizar os campos estritos da ciência e da arte ou de qualquer categoria discursiva, pelo menos como definidos para outras culturas:

*O jogo de experimentação sobre a linguagem (a poética) terá seu lugar em uma universidade? Pode-se contar histórias no conselho de ministros? Reivindicar numa caserna? As respostas são claras: sim, se os superiores aceitarem deliberar com os soldados. Dito de outro modo: sim, se os limites da antiga instituição forem ultrapassados. Acreditamos que é neste espírito que convém abordar as instituições contemporâneas do saber.*⁸

Assim, Lyotard lança as bases para definição do período em que as transformações do discurso atravessam a sociedade modificando hábitos e posturas e criando a polissemia da palavra “narrativa”, que nos interessa em particular aqui.

Os movimentos artísticos que desde o século XIX caminham para uma subjetivação da produção e uma atençãoⁱ crítica às estruturas

⁷ *Idem*, p. 27.

⁸ *Idem*, p. 32.

ⁱ Frequentemente utilizarei neste estudo o termo “atenção” como uma categoria que expressa o desejo manifesto e consciente dos artistas em um determinado período. A noção de “atenção” fala a respeito de uma forma particularmente mais desenvolvida a partir do século XIX, na qual o artista tem um discurso sobre seu trabalho inserido em um movimento em particular ou em um contexto social mais amplo. Certo de que esse foco manifesto não expõe todos os aspectos de uma obra de arte, sugiro “atenção” como um privilégio focal relevante na análise histórica, mas que pretende não reduzir toda a obra ou movimento a essa intenção. Assim, “atenção” é a questão mais recorrente aos artistas em depoimentos biográficos, em pesquisas técnicas ou mesmo em manifestos escritos. Portanto, mediante essa noção expõem-se elementos importantes sobre sua obra e sua época, na medida em que sedimentam conscientemente aspectos formais e conceituais.

discursivas; os avanços tecnológicos, que, além de criar novos veículos para a transmissão desses discursos, também possibilitam a mescla de linguagens; e, por fim, a revolução nas estruturas da produção acadêmica que propõe novas metodologias, como os Estudos Culturais, são sintomas desse período classificado de pós-moderno por Lyotard.

Estaremos nos referindo aqui exatamente a esse pós-moderno que ora se apresenta como um estertor da modernidade e ora como uma ruptura com ela, reiterando sua *pós-modernidade*.

Essas considerações revelam um caminho para a contextualização mediante uma categoria histórica – pós-moderno – em que se delineia também um objeto – a narrativa – não por meio de sínteses, mas de tensões. E onde encontramos um panorama mais amplo para o dilema do autor de CD-ROM mencionado na introdução e que agora situa historicamente suas questões.

Mas a opção de privilegiar a construção da condição pós-moderna na transição para o século XX – apesar de a denominação descrever mais precisamente um período a partir da década de 1950 – justifica também o referencial teórico utilizado, no próximo capítulo, para a definição de narrativa: Walter Benjamin. É que, se as narrativas produzidas pelos soropositivos no final do século XX se enquadram no momento historicamente categorizado como pós-moderno, a obra de Benjamin se situa na primeira metade daquele século, inserida também nesse contexto mais amplo de revoluções no campo da linguagem sistematizado por Lyotard. Logo, a obra de Benjamin serve ao estudo tanto por seu visionarismo como por estar, de fato, no cerne do que, para Lyotard, é a construção dessa condição pós-moderna.